



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O MERCADO DO VER-O-PESO – BELÉM

Wilma Marques Leitão
Faculdade de Ciências Sociais –UFPA
wilma@ufpa.br

Carmem Izabel Rodrigues
Faculdade de Ciências Sociais –UFPA
cir@ufpa.br

RESUMO

O mercado do Ver-o-Peso é um imenso universo de significados, repleto de relações que ao passante ou visitante podem parecer confusas, mas quando tomado em seus próprios termos, revela sociabilidades e princípios organizativos reconhecidos por aqueles que ali trabalham e circulam. Temos ali quase infinitas possibilidades de reflexão sociológica que o mercado provê, na qualidade de ponto de convergência de produtos e saberes regionais, cujos conteúdos são mais culturais que econômicos. A localização às margens dos rios Guamá e Amazonas mantém uma interface imperativa com o mundo rural da Amazônia e permite identificar a produção e manutenção de práticas e saberes “ribeirinhos” em ambiente urbano. Dentro desses parâmetros, podemos apresentar o Ver-o-Peso como um exemplo, por excelência, de um mercado popular, de tradição regional e local e, ao mesmo tempo, como um espaço translocal, transnacional, onde se articulam novas e antigas formas de organização e venda de produtos, sociabilidades e identidades, num contexto de modernidade amazônica.

Nesta exposição pretendemos apresentar alguns resultados do Projeto Mercados Populares de Belém que integra docentes e estudantes da Faculdade de Ciências Sociais da UFPA, com ênfase na pesquisa realizada no mercado do Ver-o-Peso. Assinalamos que no conceito de mercados e feiras populares incluímos um amplo conjunto de práticas comerciais, formais ou informais, instaladas em espaços centrais ou periféricos da cidade, abertos ou fechados, fixos ou circulantes, em portos e trapiches, esquinas ou beiras de casas, nas ruas ou calçadas, operacionalizadas através de redes de relações comerciais, que muitas vezes são também relações pessoais que incluem parentes, vizinhos, amigos e conterrâneos. Uma primeira abordagem deixa perceber as relações



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

de reciprocidade entre as diferentes categorias de trabalhadores, revelando igualmente as redes sociais que emergem nos mercados e como a dinâmica de tais ambientes depende da existência dessas redes interpessoais.

Através da análise de representações e práticas cotidianas produzidas por trabalhadores e/ou freqüentadores dessa feira, especialmente os migrantes ou descendentes de migrantes ribeirinhos buscamos comparar as diversas práticas de circulação, trabalho, consumo cultural e alimentar, lazer e religiosidade, realizadas nos espaços internos e externos ao mercado e nas áreas adjacentes por onde circulam. O Ver-o-Peso permanece como um universo específico no contexto da cidade onde por meio de atividades comerciais se materializam também ricas redes de sociabilidades que colocam em confronto compradores e vendedores, gerando os sentimentos da camaradagem, da confiança e que vão ajustando as relações características dos mercados como lugar de circulação de coisas e fonte de relações sociais e simbólicas.

ESSE LUGAR, O MERCADO

O mercado do Ver-o-Peso é considerado por muitos um cartão-postal e concentra a imagem que os belemenses têm da beleza e originalidade da cidade. É também descrito como “o ícone-resumo de Belém como porta de entrada da Amazônia”, e assim, “síntese da cultura cotidiana da cidade e do seu entorno” (BOLLE, 2009, p.102-103). Há muito já constava na crônica histórica a importância do lugar e a forma como atraía a atenção de turistas e visitantes de Belém.

De máquina na mão não perdem o instantâneo sugestivo. Fotografam as embarcações veleiras com seus panos coloridos e os seus tripulantes cheios de vida, caboclos que resistem a todas as asperezas do trabalho pesado da navegação, enfrentando com heroísmo os riscos do mar e as aventuras de um comércio feito de altos e baixos (CRUZ, 1962, p. 519).

LOCALIZAÇÃO DA CIDADE E DO MERCADO



Fonte: LEITÃO, 2010.

A área do Ver-o-Peso é fonte de renda para cerca de 4.000 trabalhadores (LIMA, 2008, p.23) por meio de uma série de atividades desenvolvidas no local: atracação de embarcações para embarque e desembarque de cargas e passageiros; feiras de atacado e de varejo; vendas diárias nos mercados de peixe e de carne, várias lojas e centenas de boxes ou barracas de frutas, legumes e outros produtos como as ervas e plantas regionais utilizadas para tratamento de doenças e outros, como redes, confecções e calçados; serviço de refeições e lanches. As intensas atividades geram grande movimento no lugar, quase em 24 horas, com descarregamento de mercadorias, comercialização, carregamento de um lado para o outro. Tentando descrever essa dinâmica do Ver-o-Peso, tomemos a voz do poeta:

E desde quando alvorece, o infatigável cotidiano, no ciclo das mesmas horas, aquele recanto da famosa ferira do Ver-o-Peso reproduz, como num filme de contínua metragem, o mesmo cenário habitual, sempre novo e envolvente, em qualquer época do ano, até nas estações das chuvas copiosas e das marés de lua, que alagam inteiramente essas área, ao galgarem e



invadirem a rampa, para divertimento da caboclada, otimista e satisfeita com a sua vida sem ambições nem problemas (MENEZES; 1993, p.183).

A história do Ver-o-Peso está diretamente ligada à da cidade de Belém, fundada em 1616, e logo transformada em importante entreposto comercial uma vez que se encontrava no ponto de entrada e saída de embarcações que penetravam na região pelos rios Amazonas e Guamá e dali saíam para outros mares. Em 1687 o então governador e capitão general do Estado do Maranhão e Grão-Pará solicitou ao rei de Portugal a criação do Ver-o-Peso, com objetivos fiscais para cobrar impostos sobre as mercadorias que dali ganhavam seus destinos pelo mundo afora (CRUZ, 1962). Ao longo dos anos, o Ver-o-Peso mantém o seu nome e assiste aos principais eventos tendo acompanhado as mudanças urbanísticas que a cidade sofria, em seu crescimento.

Foi o primeiro e principal centro exportador de borracha e, de acordo com Trindade Jr e Silva (2005) quando analisam a estruturação da cidade a consolidação de uma nova estética, recebeu as repercussões do sucesso desse produto que dominava o comércio internacional e que mudaria a economia da região. Na virada dos séculos XIX e XX, era o auge da exploração gomífera e a paisagem do Ver-o-Peso recebeu os elementos que designavam melhorias e modernização da cidade, como a construção de um mercado pré-fabricado em ferro trazido da Inglaterra na margem da baía; ampliação do antigo mercado de carne, situado nas proximidades, ampliação do aterramento da baía e construção do porto pelos ingleses, além de outras construções que seguiam o padrão arquitetônico europeu, sobretudo nos elementos de ferro, como o mercado de Peixe, cuja história se confunde com a do Ver-o-Peso em geral. Naquele local, às margens da baía, no final do século XIX foi instalado o mercado de ferro, com suas torres, colunas e escadas em ferro e zinco, todas forjada em Londres e Nova York, transportada e montada no local. Inicialmente o mercado abrigou a feira com a comercialização de frutas, verduras e demais produtos e somente depois passou a funcionar exclusivamente como Mercado de Peixe.

O complexo do Ver-o-Peso, portanto, constitui-se de um importante patrimônio, situado no centro histórico de Belém, tornando-se um lugar especial não apenas do



ponto de vista do patrimônio material expresso em sua arquitetura, mas especialmente por guardar as experiências culturais tradicionais do mundo amazônico. Para alguns, “a cidade se concentra no Mercado do Ver-o-Peso” (JOSEPH, 2004, p.47).

Nos últimos anos foram realizadas duas grandes reformas no Ver-o-Peso. A primeira aconteceu em 1985, quando o Mercado de Ferro foi restaurado, assim como o Solar da Beira, que na ocasião foi transformado em restaurante e espaço cultural da cidade. A Praça do Pescador e a feira livre também ganharam melhorias, com a padronização das barracas. Em 1998, foi iniciada uma segunda grande reforma no Ver-o-Peso, sob responsabilidade da prefeitura de Belém, na gestão do Partido dos Trabalhadores, realizou a revitalização de toda a área, com a preocupação de promover uma política democrática de desenvolvimento urbano, contando com a assessoria técnica do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ (JOSEPH, 2004). Neste processo de renovação da feira foram analisados desde aspectos de infraestrutura, paisagísticos, de qualificação dos feirantes, até a organização política com a instituição do Condomínio Participativo, com representantes eleitos de seus diferentes setores.

Todo o conjunto arquitetônico e paisagístico Ver-o-Peso e áreas adjacentes, incluindo a Praça Pedro II, o Boulevard Castilhos França, o mercado de carne e o mercado de peixe, foi tombado, em 1977, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) com inscrição em três dos quatro livros criados pelo Decreto nº 25, de 30 de novembro de 1937 (que conceitua e organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a saber: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (inscrição de número 69, fls 16), Livro de Tombo Histórico (inscrição número 460, fls 77) e Livro de Tombo das Belas Artes, sob a inscrição de número 525 (fls 96). O instrumento legal correspondente a tais inscrições é a notificação nº 1121, assinada pelo então diretor geral do Iphan, em 09 de novembro de 1977, que, com base no processo nº 0812-T-69, notifica a decisão do órgão pelo tombamento ex-ofício do perímetro referido, de propriedade da Prefeitura de Belém. Dez anos depois foi proclamada uma Certidão de Tombamento, assinada no Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1987, pelo chefe do Arquivo da Coordenadoria de Registro e



Documentação, revisada pelo secretário do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, certificando que o tombamento encontrava-se devidamente inscrito nos respectivos livros de tomo já mencionados (IPHAN, 2005).

Importante destacar que a mesma área é tombada pelo município (LEI ORDINÁRIA nº 7.709, de 18 de maio de 1994) sob a denominação de Centro Histórico de Belém. E também que, no final dos anos 1990, a Fundação Cultural do Município de Belém realizou, por meio de seu Departamento de Patrimônio Histórico (DEPH), o *Inventário Histórico, Sociocultural, Arquitetônico e Ambiental do Complexo do Ver-o-Peso* com o objetivo de formalizar a solicitação junto ao Iphan e a UNESCO a inscrição do Ver-o-Peso na lista do Patrimônio da Humanidade (CAMPELO, 2002, p.149). O dossiê tramitou recebendo parecer cujas conclusões e recomendações da relatora responsável apontam a impossibilidade de realizar a inscrição naquele momento, e sugerindo obras de restauração e revitalização para que o lugar viesse a atender os critérios exigidos pela UNESCO. E justamente objetivando melhorar as condições de trabalho no mercado, e preservar o espaço físico assim como os diversos modos de vida e a cultura regional amazônica, presentes no Ver-o-Peso que foi realizada a reforma mencionada acima e a definição das normas de uso do lugar (DECRETO MUNICIPAL Nº39326, 2004).

No último mês de maio, em parecer aprovado pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Iphan foi finalizado o processo de tombamento dos bairros da Cidade Velha e Campina consolidando assim a proteção no nível do poder federal ao conjunto arquitetônico que já era protegido pelo poder municipal, onde se encontra a área do mercado (CONSELHO CONSULTIVO, 2011).

Vista da confluência do rio Guamá e baía do Guajará, onde se situa o Ver-o-Peso



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina



Fotografia: Philippe CRETINON (2009)

UM MUNDO QUE VEM DAS ÁGUAS

A feira do Ver-o-Peso é responsável pelo abastecimento de domicílios, restaurantes, lojas e supermercados direto, referindo-nos aos que vão lá comprar, ou indireto, como ponto central na rede mais extensa de mercados e feiras da cidade e de municípios e localidades vizinhas, considerando-se que boa parte de seus consumidores podem ser, por sua vez, feirantes nos bairros urbanos ou em localidades mais ou menos próximas. Recebe a produção que chega pelo rio, das ilhas ou de outros municípios, e também a que chega de caminhão e redistribui as mercadorias vindas do CEASA (frutas e legumes). Grande parte das mercadorias comercializadas no Ver-o-Peso provêm quase diretamente da natureza, sejam as frutas, pescado ou produtos agrícolas. Os poucos produtos beneficiados – farinha, tucupi, camarão e peixe salgados, ou ainda as polpas de frutas ou maniva moída – são submetidos a processos de transformação dos recursos elaborados por meio de técnicas tradicionais, relativamente simples. Justamente este aspecto é analisado em *Tristes Trópicos*, de Lévi-Strauss quando reflete sobre as relações de populações e ambientes naturais tropicais: da América recém-ocupada e da Índia, onde atividades agrícolas e manufaturas datam de até 10.000 anos. “Essa



*oposição radical entre os trópicos ermos e os trópicos lotados*¹, nada ilustra melhor do que uma comparação entre suas feiras e seus mercados” (LÉVI-STRAUSS, 1996, pág.135), destacando assim que nas feiras e mercados do Brasil Central prevaleciam mercadorias vindas quase imediatamente da natureza, colocadas à venda após saciar as necessidades do produtor, representando a fartura, a vida enfim; em oposição aos mercados do subcontinente asiático, onde a população se dedicava a produzir tecidos e botões, e não alimentos, e onde a fome e a morte gritavam aos ouvidos do passante.

Na realidade, o mercado do Ver-o-Peso é o ponto de centralidade não apenas da cidade, mas de toda a região “Guajarina”, retratando o movimento econômico de produtos regionais, numa rede considerável de geração de renda e emprego, envolvendo desde as camadas menos favorecidas economicamente da cidade, a negócios de maior monta, de investimentos e transferência de recursos (monetários e simbólicos da cidade para as localidades ribeirinhas. Um tal sistema econômico permite, através dele, entender a dinâmica da região, o funcionamento de sistemas como o de aviamento, com base na confiança e na reputação, mas também os sistemas ecológicos, pois por sua localização ribeirinha, mantém uma interface imperativa com o mundo rural da Amazônia onde água e terra se interpenetram. Não é difícil reconhecer ali um lugar estratégico de encontro entre a cidade e o mundo ribeirinho, traduzido aqui pelas mais variadas mercadorias trazidas pelas embarcações que percorrem os corredores fluviais e aportam neste ponto de convergência urbano da área metropolitana que reúne cerca de dois milhões de habitantes. Muitas das mercadorias chegam de barco, e muitos dos consumidores também.

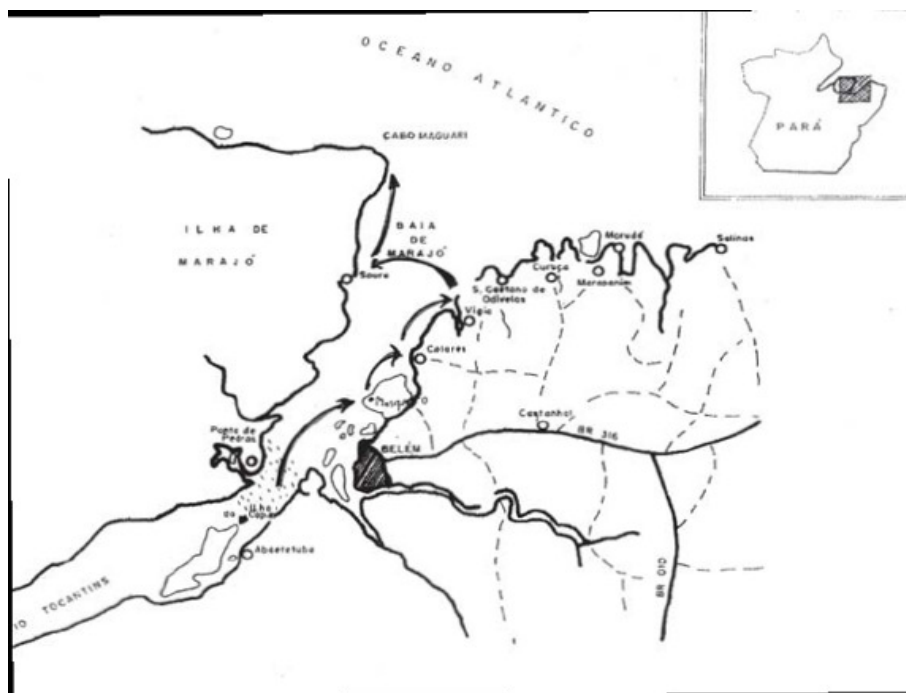
É só passar algumas horas na floresta muito próxima para compreender que todo mundo circula em um território que se pode dizer ao mesmo tempo urbano e fluvial. Os que moram na floresta freqüentam – alguns diariamente, com certeza – as ruas e centros comerciais da cidade; o mesmo acontece com os pescadores que abastecem o Mercado do Ver-o-Peso (JOSEPH, 2004, p.48).

A questão acima assinalada aponta para um aspecto muito importante do papel do Ver-o-Peso na liminaridade rural/urbano. Por um lado, é representante de um

¹ No original *bondés* (LEVI-STRAUSS, 1982, p.162).

ambiente ribeirinho, uma vez que está situado na foz dos rios Amazonas e Guamá, grandes corredores de mercadorias regionais. Ao mesmo tempo, por intermédio de eixos viários de penetração e do sistema de transportes, o centro histórico e o conjunto do Ver-o-Peso se encontram interligados ao contexto urbano continental.

ESTUÁRIO DO RIO AMAZONAS



FONTE: Leitão, 2010.

Com a figura acima tentamos mostrar como, no caso da produção pesqueira, esse mundo da água, constituído pelo imenso estuário do rio Amazonas (cerca de 80 km de largura) representa a área de produção que abastecerá a cidade, sendo carregada do local de pesca até o mercado pelas geleiras. Falando sobre *as embarcações e a “faina do pescado”* no Ver-o-Peso, Bruno de Menezes descreve esse sistema de “intermediação que traz o pescado lá de fora para o mercado, chamando a atenção para a demora das embarcações “devido às distâncias das viagens, os regimes das marés e os serviços para abastecê-las, com o produto do trabalho dos pescadores” (MENEZES; 1993, p.178).



Podemos facilmente entender que não apenas o pescado provém desse mundo guajarinó, mas outros produtos como os frutos regionais – com destaque para o açá, ervas, sementes. E da mesma forma podemos treinar a observação para a análise de outras feiras e mercados localizados na orla de Belém. Analisando as práticas comerciais no bairro do Jurunas, mais especificamente na feira localizada na beira do rio, Guamá Wilm e Rodrigues (2010) observaram que muitos dos que vivem e trabalham ali são oriundos das ilhas do entorno como Combu e Maracujá, ou de cidades como Abaetetuba, Acará, Barcarena, Igarapé-Miri e Cametá. Deste modo, o rio é visto como a forma de ligação com outras cidades do interior do estado, possuindo grande importância que implica no modo de se relacionar com o lugar, com as atividades de trabalho e lazer, com a vida cotidiana. Além disso, “neste bairro, o rio contribui para a subsistência de pelo menos parte de seus moradores que o utilizam para o comércio, seja como rota de transporte ou de trabalhos relacionados a ele, tais como, pequenos consertos de embarcações, fabricação de embarcações, lojas de ferramentas para barcos ou de maquinaria para eles”.

A conexão do *lá fora*, do universo das águas e das florestas, onde estão os peixes e demais produtos das atividades agrícolas e extrativas com o mundo do consumo na cidade se consolida através das mercadorias, mas o aspecto fundamental que se apresenta aqui são os estilos de vida rural, pois além das mercadorias, o que desembarca no Ver-o-Peso (e demais feiras que existem na orla da cidade) são os sistemas tradicionais de trabalho e de uso dos recursos naturais, muitas vezes baseados em relações não necessariamente monetárias, mas que são capazes de garantir o fluxo de produção de renda e trabalho nas localidades da região. Como no encontro das águas, no mercado, podem ser visto os dois lados, a presença das demandas urbanas no interior e o prolongamento dos valores ribeirinhos em meio urbano. Considerando que “uma cidade é, por definição, um universo pluralista de encontros e contigüidades espaciais e sociais” (JOSEPH, 2004, p.46), juntamente com as águas que se movimentam com a maré, vêm os homens, seus saberes, suas práticas.

Nessa perspectiva tomamos a obra de Isidoro Alves (1993) que analisa uma “lógica do compromisso” relacionando padrões/clientes como no aviamento, descrito



como o sistema econômico tradicional da Amazônia (através desse sistema foram comercializados produtos como castanha borracha e pescado)

Sendo um sistema no qual é fundamental a posição na rede de intermediação e financiamento, ele gerava uma dependência sustentada pelo compadrio, pela lealdade política e fundamentalmente por um compromisso de reciprocidade implícito no contrato informal estabelecido (ALVES, 1993, p.16).

E destaca o autor que mesmo outras formas de exploração econômicas mais recentes acabaram seguindo mais ou menos o mesmo sistema tradicional, pois envolvem uma “rede de relações”, isto é, funcionando dentro de uma contratualidade informal marcada pelo “compromisso”. Essa “racionalidade econômica” é definida como um contrato entre pessoas desigualmente situadas e implica em “obrigações recíprocas” que se expressam nas estratégias percebidas e incorporadas na contratualidade informal. Totalmente diferente do sistema bancário onde as relações impessoais não permitem qualquer aproximação do “dono”. Enquanto este é marcado por normas documentais, o sistema tradicional amazônico é marcado por valores morais, i.é., o compromisso. Até mesmo a noção de dívida é percebida diferentemente, sendo muito mais um “certo tipo de lealdade e de expectativa de reciprocidade, com formas sociais de sustentação bem definidas” (ALVES, 1993, p.29) e assim, a garantia não se encontra na relação do que se deve, mas na honra, no compromisso de continuar fazendo parte do sistema de relações “a expectativa do crédito e da comercialização de seu produto” (ALVES, 1993, p.46).

A análise desenvolvida na obra aqui referida é muito mais extensa e inclusiva da dinâmica das relações comerciais observadas na Amazônia, mas apenas no que nos interessa de perceber como esses princípios se atualizam no ambiente urbano do mercado de Belém, resgatamos mais um aspecto que demonstra a importância dos intermediários e do sistema de crédito registrados no mercado.

O padrão, no sistema tradicional, é o que dispõe de crédito – expresso no fornecimento de produtos de consumo e manufaturados – daí sua posição estratégica na intermediação e circulação de bens. Nos termos do aviamento



clássico, do ponto de vista estritamente econômico, entra em jogo o excedente gerado com o crédito que passa a ter importância decisiva. Em muitos casos não se trata estritamente de quem tem, mas de quem pode mobilizar o crédito fazendo uso inclusive do sistema bancário. E aí a posição no sistema de relações ganha importância pois o detentor do crédito, seja um grande ou pequeno patrão, dispõe de um recurso essencial para a operação do sistema. A sua posição no sistema de relações (ALVES, 1993, p.39).

Neste sentido o patrão pode fazer coisa para o cliente; ele tem a capacidade de mediações. E, neste ponto, destacando o papel dos “atravessadores” em tais circuitos de compromissos, assinala a dinâmica dos mercados (chamando a atenção de que o do Ver-o-Peso, em Belém, é o mais conhecido) (ALVES, 1993, p.185), onde se transacionam produtos regionais e se realiza intenso comércio, e onde os atravessadores estabelecem um vínculo de “freguesia” entre os produtores do interior e seus fregueses (ou clientes), aos quais podem oferecer “vantagens” nos preços dos produtos e rapidez nas transações, que são determinados pelo grau de compromisso que o “atravessador” pode ter com o seu “freguês”. Em termos estruturais, essa relação guarda os mesmos princípios lógicos envolvidos no aviamento, pois o oferecimento de “vantagens” é o correlato do “adiantamento” que o aviamento permite. O “atravessador” é na prática um “patrão” que cobra o compromisso assumido de venda de produtos da próxima viagem. As viagens são constantes e nesse comércio é que cidades como Belém são abastecidas de frutas, peixes e produtos regionais, como os que derivam da flora (remédios, plantas medicinais e cheirosas), da fauna e da agricultura de subsistência.

Essa conexão das atividades da produção pesqueira foi vista de perto, em recente pesquisa sobre o desembarque de pescado na *Pedra do Ver-o-Peso* (CORRÊA e LEITÃO, 2010) onde por exemplo, o *balanceiro* em muitas situações responsabiliza-se de pagar adiantado ao dono do barco a soma correspondente ao total negociado, aguardando para ser ressarcido somente após a revenda, ou como se diz, *no apurado*. Uma espécie de financiador do dono de embarcação e dos pescadores podendo emprestar o dinheiro necessário para despesas pessoais e, principalmente para os procedimentos da viagem, como aquisição de combustível, materiais de pesca ou mesmo prestar assistência para suas famílias. Não raro, familiares dos que se encontram



embarcados recorrem ao *balanceiro* para sanar problemas emergenciais, como aquisição de medicamentos ou internações, ou mesmo cotidianos, como adiantamento de recursos para as despesas em casa.

Por isso podemos entender como o mercado do Ver-o-Peso permanece como um universo específico no contexto da cidade onde por meio de atividades comerciais se materializam também ricas redes de sociabilidades que colocam em confronto compradores e vendedores, gerando os sentimentos da camaradagem, da confiança e que vão ajustando as relações características dos mercados como lugar de circulação de coisas, fonte de relações sociais e simbólicas (ROUCHIER, Inédito.²).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior riqueza do Ver-o-Peso está contida no lastro de memória da própria cidade que pode ser ali encontrado. Há muito deixou de ser apenas um porto e uma feira livre, na qual se negocia toda espécie de produtos comestíveis, industrializados, vestuário, artesanato, ervas etc., para se consolidar como importante lugar de práticas culturais, onde o cotidiano regional e o imaginário amazônico se reproduzem e se perpetuam por meio das mais diversas atividades tradicionais – do preparo de alimentos ao uso de ervas com fins medicinais e místico-religiosos. Nesse sentido, o Ver-o-Peso é também um mercado de bens simbólicos, que alimenta o corpo, a alma e o espírito de uma cidade que mantém elos com o rio e a floresta.

Com a instalação da infra-estrutura urbana correspondente ao crescimento da cidade, supermercados e shoppings são constantemente mencionados como as causas de um certo abandono do Ver-o-Peso e o distanciamento de consumidores de uma classe de maior poder aquisitivo, no entanto, o comércio tradicional realizado na feira livre e nos mercados resiste e concentra muitas atividades que encantam turistas e atraem diariamente considerável número de pessoas.

² Agradeço à autora a gentileza de autorizar o uso de seu artigo inédito.



A observação nas feiras e mercados permite identificar a produção e manutenção de práticas e saberes “ribeirinhos” em ambientes urbanos. Neste sentido, muito mais do que os edifícios e a paisagem, destacam-se no Ver-o-Peso, de forma marcante e peculiar, a cultura popular amazônica, caracterizada pela relação com o rio e a floresta, atualizada incessantemente pelos vendedores de ervas, com suas mandingas e simpatias para todos os males do corpo e do espírito; a venda de frutas regionais; no preparo e na venda das comidas típicas; nos artesanatos e nos cheiros; no vai e vem das canoas com suas histórias de botos, cobras grandes e demais seres das águas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Isidoro Maria da Silva. 1993. *Promessa é dívida ... Valor, tempo e intercâmbio ritual em sistemas tradicionais na Amazônia*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 228p.
- BOLLE, Willi. Belém, porta de entrada da Amazônia. In; CASTRO, Edna (org.) *Cidades na Floresta*. 2009. São Paulo: Annablume. p. 99-147.
- CAMPELO, Marilu Márcia. Feira do Ver-o-Peso: Cartão Postal da Amazônia ou Patrimônio da Humanidade? *Humanitas*, Belém, v.18, n.2, p.149-170, 2002.
- CONSELHO CONSULTIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL APROVA TOMBAMENTO DE DOIS BAIROS DE BELÉM (PA) 03/05/2011. site <http://portal.iphan.gov.br> (capturado em 15/06/2011).
- CORRÊA, Márcio Cristian dos Santos e LEITÃO, Wilma M. Pescadores, Balanceiros, Vendedores de Café a Comercialização do Pescado no Ver-o-Peso. In: LEITÃO, Wilma M. *Ver-o-Peso: estudos antropológicos no mercado de Belém*. 2010. Belém: NAEA/UFPA. p.103-131.
- CRUZ, Ernesto. 1962. O Ver-o-Pêso. Um Capítulo da História Colonial do Pará. *Revista de História*, v.XXIV, nº50. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. p.519-526.
- DECRETO MUNICIPAL Nº39326, *Regulamenta o uso do complexo “Ver-o-Peso” e dá outras providências*. Belém, Diário Oficial Municipal 9575, 22.10.2004.
- FILGUEIRAS, Beatriz Silveira Castro. *Do mercado popular ao espaço de vitalidade: o Mercado Central de Belo Horizonte*. Dissertação. Rio de Janeiro, Mestrado em Planejamento Urbano, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional CCJE/IPPUR/UFRJ. 2006, 172p.



- FREITAS, Carlos Roberto Bastos. *O Mercado municipal de Campos de Goytacazes: a sedução persistente de uma instituição pública*. Dissertação. Campos de Goytacazes, Mestrado em Políticas Sociais, Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2006, 156p.
- IPHAN. 2005. *Sítios históricos e conjuntos urbanos de monumentos nacionais*. v.1, Brasília: Programa Monumenta - Minc (Cadernos Técnicos, 3). p. 58-66.
- JOSEPH, Isaac. Belém: paisagem, coisa pública. *Cadernos do IPPUR*, Rio de Janeiro, ano XVIII, n.1-2, p.41-90, 2004.
- LEITÃO, Wilma M. Ser pescador, tornar-se pescador: a identidade do trabalhador da pesca no estuário do rio Amazonas. In: Sonia B. MAGALHÃES; Isolda M. da SILVEIRA & Antonio Maria de S. SANTOS (Orgs.). *Encontro de Antropologia: Homenagem a Eduardo Galvão*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/Manaus: EDUAM, 2010. p. 416-432.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 400p.
- LIMA, Maria Dorotéia de. *Ver-o-Peso, patrimônio(s) e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará*. Dissertação. Belém, Mestrado em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFPA, 2008, 172p.
- MENEZES, Bruno de. São Benedito da Praia – Folclore do Ver-o-Peso. In: *Obras completas de Bruno de Menezes*. V.2 Folclore. Belém, SECULT. 1993 (Série Lendo o Pará, 14). p. 129-214.
- ROUCHIER, Juliette. *Peut-on se passer de morale relationnelle sur un marché professionnel?* Marseille: GREQAM-CNRS. Inédito, 27p.
- TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro e SILVA, Marcos Alexandre Pimentel. 2005. *A cidade e o rio: espaço e tempo na orla fluvial de Belém*. In: TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro e SILVA, Marcos Alexandre Pimentel. *Belém – a cidade e o rio na Amazônia*. Belém: EDFUFPA. p.12-43.
- WILM, Luciana Almeida e RODRIGUES, Carmem Izabel. O comércio na prática jurunense. In: *Amazônias – mudanças sociais e perspectivas para o século XXI*. CD dos Anais do II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte. 2010. Belém, NAEA. (GT12-311-199-20100831220501.pdf).